

SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM EM “ESCOLA DE ROCK”: MÚSICA E EDUCAÇÃO ¹

Douglas Alexandre Feltrin², Gabriela Antes Kuhn³

¹ Trabalho das disciplinas de Processo de Aprendizagem e Desenvolvimento Cognitivo e Educação e Pedagogia do curso de Pedagogia da Unijuí.

² Acadêmico do curso de Pedagogia da Unijuí. Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF - Unijuí.

³ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da Unijuí.

RESUMO

Este texto de abordagem qualitativa se trata de uma resenha crítica do filme Escola de Rock. Visa analisar um filme que apresenta a temática da aprendizagem relacionando seu conteúdo a conceitos trabalhados em disciplinas do curso de Pedagogia. Apresenta uma resenha crítica e um diálogo com autores como Freire, Marques, Vigotski, Piaget e Wallon. Escola de Rock traz críticas aos modos tradicionais de ensino e apresenta uma alternativa utilizada pelo professor Dewey por meio da música de se criar novos modos de aprender. Por fim, a transformação no modo de pensar, ensinar, compreender e aprender dos personagens dentro do cenário escolar ao longo do filme é um fator a ser destacado na trama.

Palavras-chave: Professor. Aluno. Educação escolar. Ensino.

ABSTRACT

This text has a qualitative approach and is a critical review of the movie School of Rock. It aims to analyze a movie that presents the theme of learning by relating its content to concepts discussed in the disciplines of the course of Pedagogy. It presents a critical review and a dialog with authors such as Freire, Marques, Vigotski, Piaget and Wallon. School of Rock brings criticism to traditional ways of teaching and presents an alternative used by Professor Dewey through the use of music to create new ways of learning. Finally, the transformation in the way of thinking, teaching, understanding and learning of the characters within the school scenario throughout the movie is a factor to be highlighted in the plot.

Keywords: Teacher. Student. School education. Teaching.

INTRODUÇÃO

Este texto se trata de uma adaptação de uma atividade apresentada como trabalho avaliativo das disciplinas de Processo de Aprendizagem e Desenvolvimento Cognitivo e Educação e Pedagogia do curso de Pedagogia da Unijuí. A atividade tinha como proposta produzir um texto a partir de um filme que tratasse de alguma questão relacionada à aprendizagem e relacioná-la aos conceitos de autores estudados no curso.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo e bibliográfico, bem como de uma resenha crítica do filme *Escola de Rock* (original em inglês *School of Rock*). A resenha está dividida em duas partes: uma primeira, mais descritiva, que explora questões importantes da produção e apresenta detalhes observados no filme e uma segunda, mais reflexiva, que articula os pontos-chave do filme com os conceitos trabalhados nas disciplinas, a fim de estabelecer um diálogo com os escritos dos autores estudados

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Escola de Rock foi lançado em outubro de 2003 pela *Paramont* sob direção de Richard Linklater. O filme faz parte do gênero comédia, tem 109 minutos de duração e é estrelado pelo ator Thomas Jacob Black, popularmente conhecido como Jack Black. Além de ator, ele é compositor, músico, dublador, YouTuber e vocalista da banda *Tenacious D*.

No filme em questão, Jack Black faz o papel do guitarrista e vocalista Dewey Finn, personagem que, uma vez frustrado por ser expulso de sua banda, vai em busca de novos músicos para participar ao seu lado de um concurso musical de sua localidade. Dewey faz o tipo roqueiro que não gosta de regras, vive seu amor pela música sem limites e está sempre devendo o aluguel para seu amigo Ned Schneebly, que trabalha como professor.

A grande virada na vida de Dewey acontece quando atende uma chamada para Ned da escola de elite *Horace Green* em busca de um professor substituto. Pensando na oportunidade de ganhar dinheiro e melhorar de vida, ele assume o lugar de Ned e se apresenta na escola como se fosse professor, responsabilizando-se por uma turma de crianças da quarta série e tomando o emprego e a identidade do amigo.

A escola segue os moldes de uma instituição particular de ensino preocupada com a formação e preparação dos alunos nos mais altos padrões e com os melhores resultados. Uniformes específicos para diferentes atividades, sistema de bonificação e penalização por comportamento e realização de tarefas, organização de classe em moldes cartesianos e rotina controlada. A disciplina da escola representa o inverso da personalidade do personagem principal, o qual aceita o “desafio do faz de conta” tendo em vista o retorno financeiro e a possibilidade de mudar de vida sem cogitar uma reviravolta ou pensar nos problemas éticos de suas atitudes.

Apesar de ter aparentemente iniciado sua carreira de professor fake com o pé esquerdo, Dewey logo descobre o talento musical de seus alunos e se encanta pelo seu potencial. De professor-recreio e desinteressado pela educação, ele passa a ser professor de Rock, professor inovador, que ensina por meio da música, que ensina enquanto faz música.

Ele vê nos alunos a possibilidade de montar uma banda para participar da tão estimada Batalha das Bandas e começa a ensiná-los a tocar e a compor em novos estilos musicais. Convencendo os estudantes de que estarão competindo com outras escolas e que terão premiação pelo seu trabalho, os alunos, a partir deste incentivo, envolvem-se com as aulas com afinco. Por meio do aprendizado de novos instrumentos, começam a apreciar os subgêneros do rock, adotar estilos de se vestir com os quais se identificam dentro desses subgêneros e moldar suas personalidades a partir dos músicos e das bandas que estão estudando sob orientação desse professor diferenciado.

A ideia central do filme é que não somente o universo dos alunos se amplia, como também o do professor. Dewey passa a socializar com outros professores da escola, a manifestar interesse pelas relações que ocorrem no ambiente escolar e, ainda que coloque seus interesses pessoais acima de tudo, cria vínculos fortes com os alunos. Os alunos não demoram a descobrir em si o potencial de criar, modificar, compor, mostrar o que podem fazer e como podem evoluir quando devidamente estimulados. Uma vez que descobrem que podem aprender coisas novas por meio do projeto musical, a rotina engessada da classe se quebra e seu interesse pela tarefa escolar aumenta exponencialmente.

Dentre os pontos positivos da história, é importante destacar que Dewey atribui aos alunos diferentes tarefas, não somente tocando instrumentos e cantando, mas realizando mixagens, efeitos sonoros e visuais, aprendendo a gerenciar uma banda, organizar espaços, fiscalizar e proteger os ensaios de intercorrências externas. Os alunos, deste modo, participam das aulas com funções as quais lhes cabem melhor, considerando suas potencialidades e seu interesse pelas diferentes necessidades do projeto.

Por outro lado, o fato de que o desenvolvimento da trama se dá todo a partir de mentiras é um grande fator negativo. Também, são expostos preconceitos comuns nos espaços escolares, seja com o comportamento, corpo e vestimenta de alguns alunos, seja com aspectos disciplinares. No caso da Educação Física, há uma clara crítica à importância do professor da disciplina. Perceptível em um diálogo entre um grupo de professores de outros componentes,

o comentário veio em forma de deboche disfarçado de piada. Segundo Dewey, “quem não sabe fazer, ensina, e quem não sabe ensinar, dá aula de Educação Física (ou de ginástica, na versão original)”.

Enquanto Dewey não percebe que apenas o talento próprio, a história e o interesse pessoal não garantem vitória em competições, não ocorre a virada de chave, a qual consiste na percepção de grupo e da necessidade do protagonismo dos estudantes. Quando ele finalmente percebe que o trabalho em conjunto e a criatividade das crianças que garantiram o sucesso da banda e quando dá às crianças o direito de tocar a música de autoria de um deles, é o momento que compreende o real sentido de se tornar professor. Esta é a cena de maior impacto do filme. Os alunos, mesmo descobrindo sua mentira, decidem participar da competição, e ainda que não tenham vencido a Batalha das Bandas, foram reconhecidos pelos pais e pela comunidade.

O filme pode ser analisado e comparado com referência a alguns autores teóricos, como Paulo Freire, Mário Osório Marques, Vygotsky, Piaget e Wallon. Para Paulo Freire, a educação deve considerar as experiências, as origens e os conhecimentos dos alunos como ponto de partida. Da mesma forma, Dewey demonstra interesse nos talentos e gostos individuais de cada aluno, adaptando seu ensino para desenvolver as capacidades e habilidades dos mesmos. Ou seja, as duas abordagens consideram o aluno como centro da aprendizagem e fazem com que eles participem do processo.

O trabalho de Freire (1996) promove uma educação que visa discutir e combater desigualdades e injustiças sociais. O filme retrata situações em que o “professor” conversa com os alunos, algumas vezes individualmente e outras coletivas, sobre suas concepções limitantes que não os permitem fazer o que realmente querem ou podem. Através do diálogo e entendimento, eles superam suas antigas ideias, evoluindo na educação e como seres humanos.

Com o passar do filme, os alunos vão percebendo que as tarefas que eles estão desempenhando estão colaborando com o grupo e consigo mesmos e, deste modo, desapegam do princípio inicial de realizarem as atividades apenas pela nota. Esse fato é destacado nas cenas finais do filme Escola de Rock, nas quais os alunos sabem que tudo foi uma “farsa”, que não existe competição entre escolas e que a atividade não vale nota, mas resolvem participar da competição das bandas por entenderem que o mais importante foi o aprendizado

que eles desenvolveram. Essa filosofia se aproxima da de Paulo Freire, pois o autor enfatiza uma educação que tenha pensamento crítico, para com isso, estimular com que o aluno possa questionar e perceber o mundo ao seu redor de outro modo.

Para Mário Osório Marques (1992), a educação tem de ser recriada, repensada e ressignificada através das relações pessoais, ou seja, conforme os indivíduos que compõem aquele momento. Por esta razão, o professor e os alunos são importantes nesse processo. No filme, Dewey não se mantém em um modelo único de ensino, ele conversa com os alunos, busca suas opiniões, observa os momentos em que eles não estão lhe entendendo e vai reestruturando sua forma de ensinar.

O foco do “professor” do filme é ensinar Rock para os alunos, desse modo, usa modelos de ensino inovadores, mas também modelos tradicionais quando necessário. Esse aspecto é semelhante ao pensamento de Mário Osório Marques, no qual ele explica que não devemos usar a educação inovadora com fim nela mesma e abandonar o que já foi construído, mas sim, ressignificá-la quando necessário a fim de que o ensinar seja mais significativo.

Vygotsky (1991) apresenta o conceito de zona de desenvolvimento proximal. Neste, os saberes se dividem em coisas que a pessoa já sabe fazer sozinha, coisas que ela pode aprender com a ajuda de alguém e potenciais conhecimentos. Através da interação social, o indivíduo vai ampliando o seu repertório de saberes. No filme, Dewey cria momentos de interação entre ele e os alunos, bem como entre alunos e outros alunos, isso articulado em períodos com o grande grupo, outros em pequenos grupos e duplas. As interações do filme geram mediações e trocas de saberes, e deste modo, os alunos vão ampliando seus conhecimentos.

Piaget traz o conceito de assimilação, acomodação e equilíbrio. A assimilação é uma etapa em que trazemos informações novas e que podem gerar desequilíbrios sobre o que sabemos. Dessa forma, quanto mais diversos e distintos os estímulos forem, mais desequilibrará, e conseqüentemente podem estimular mudanças de compreensões e atitudes. Essas tentativas de mudanças são a acomodação. Equilíbrio é quando o indivíduo consegue criar um novo saber, assim articulando um novo patamar de equilíbrio resultante desse processo (CUNHA, 2008).

Em Escola de Rock, Dewey produz nos alunos momentos de menor desequilíbrio, quando visa entender quais conhecimentos eles já têm sobre música, edição, canto, entre outras habilidades, para assim transferir para o projeto da banda. Também proporciona

momentos de maior desequilíbrio, como repensar os conceitos de notas, de escola e ensino, com os quais os alunos estavam acostumados.

Para Wallon, a inteligência está relacionada com a afetividade, ou seja, o que gostamos pode afetar o que e quanto aprenderemos, assim, uma temática que nos agrada pode ter um foco e tempo maior que uma que nos desagradam (PEREIRA, 2016). No filme, o “professor” articula tarefas das quais os alunos mais gostam, para assim estimular que eles se dediquem mais profundamente a elas.

A afetividade pode estar ligada a elementos internos ou externos, como a forma com os demais nos olham ou nos tratam. Nesse aspecto, temos o momento em que Dewey apoia e conversa com a aluna cantora, que não quer se apresentar por achar que os demais irão rir dela porque é gordinha. Também, na parte em que percebe a tristeza e frustração do guitarrista, que brigou com seu pai, e faz uma atividade na qual todos expressam seus sentimentos antes de seguir a aula. Nesses casos, podemos perceber a sensibilidade e entendimento do “professor” em perceber que, talvez, sem resolver essas questões afetivas, os alunos não progrediriam nos estudos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir que o filme Escola de Rock pode trazer reflexões e compreensões sobre as teorias dos autores estudados e sua transferência para os contextos escolares. O filme traz referências de modelos de ensino, instituições escolares, tipos de professores e alunos que ainda estão presentes atualmente. Além disso, mostra grandes possibilidades de inovações e construções educacionais que podem ser alcançadas respeitando e incluindo os saberes dos alunos no processo educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Marcus Vinícius da. Piaget: psicologia genética e educação. **CUNHA, MV Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, p.01-23, 2008. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/141/3/01d08t02.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>>.

Acesso em: 15 jun. 2023.

MARQUES, M. O. Os paradigmas da educação. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília: MEC-INEP, v.73, n.175, p.547 – 565, set.-dez. 1992.

Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1107>>.

Acesso em: 31 jul. 2023.

PEREIRA, Z. F. AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM ESCOLAR: REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM. **Margens**, v. 9, n. 12, p. 145-162, 2016.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf>. Acesso em 15 jun. 2023.